

Journal do Brasil, junho de 1969

CINEMA | ELY AZEREDO

“O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO”

O prêmio de Cannes chegou com cinco anos de atraso a Gláuber Rocha, que tinha todas as credenciais para conquistá-lo — e em nível de *Grand Prix* — em 1964, com *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, ou então de perdê-lo honrosamente, isto é, para Nelson Pereira dos Santos, que concorria a seu lado com *Vidas Secas*. O prêmio máximo coube a um bonito espetáculo musical, *Les Parapluies de Cherbourg*, (*Os Guarda-Chuvas do Amor*), de Jacques Demy, profissional competente, sensível, mas de curto vôo, um desses gênios que o pequeno comitê dos *Cahiers du Cinéma* inventa uma vez por mês. Naquele ano de safra auspiciosa para o cinema brasileiro, tínhamos dois filmes que poderiam ganhar os troféus mais disputados em qualquer competição e colhemos apenas duas distinções não oficiais, de ressonância limitada a uma faixa do mercado de cinemas de arte. Em 1965, concorremos com outro filme excelente, *Noite Vazia*, de Válder Hugo Khouri, que obteve apenas críticas muito honrosas, embora contássemos no júri (Robbe-Grillet na liderança) com alguns adeptos entusiásticos do filme e com recompensa para uma das duas atrizes protagonistas — ou Norma Bengell ou Odete Lara.

A essa altura, tínhamos razões para pessimismo quanto à possibilidade de repetição dos feitos de *O Cangaceiro*, ganhador de uma das Palmas de Ouro distribuídas em 1953, e de *O Pagador de Promessas*, que, em 1962 conquistou o prêmio máximo da mostra *cannoise*, batendo autores do prestígio de Antonioni e Bresson. Em 1967, *Terra em Transe*, coletânea de *morceaux-de-bravoure* e barroquismos fabricados que foram exaltados à luz ofuscante da passionalidade política, recebeu, à margem da premiação oficial, distinções de duas entidades de criti-

cos. Finalmente em maio último, com *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro*, Gláuber Rocha dividiria o prêmio de melhor direção, *ex-aequo* (empate) com uma produção tcheca. Considerando que Cannes nos devia há três anos uma explicação, podemos dizer: *justice est faite*. Sobretudo interessantes nesses troféus o caráter promocional. Muito acima dos demais festivais em poder de cotação comercial, Cannes representa um estímulo que não pode ser subestimado quando se procura fomentar o desenvolvimento de uma arte que não se realiza plenamente sem dispendiosa estrutura industrial. Vendo, naturalmente, o troféu da Riviera.

Mas a repercussão da câmara de eco de Cannes aumenta a decepção. *O Dragão da Maldade* não satisfaz a expectativa suscitada pelo retorno de Gláuber Rocha à inspiração do romanceiro nordestino, aos temas e a alguns dos personagens de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*. Sob todos os aspectos involuiu o cineasta, quando era lícito esperar a retomada do ímpeto criador e da fecundidade formal revolucionária daquele filme que a crítica situou (em *enquête* de âmbito nacional) entre as quatro maiores realizações do cinema brasileiro em todas as épocas. Seria também, se concretizada a expectativa — agora com maiores recursos materiais e fotografia em cores — um estímulo liberador para uma indústria cinematográfica que procura, a duras penas, firmar-se no conceito do grande público.

De Méliès a Bergman, de Hitchcock a Antonioni, cineastas das melhores estirpes — inventores e pensadores — voltam com insistência e sem constrangimento às mesmas constantes formais, retomam sem iniciação personagens e temas com o objetivo

de levar adiante sua reflexão. Admitimos com entusiasmo a vontade de auto-superação, o desafio das novas fronteiras de linguagem, enfim, os saltos mortais que dignificam a arte, quando o artista arrisca cair no vácuo para ampliar o seu mundo, que, de certo modo, não mais lhe pertence *exclusivamente* depois de uma contribuição renovadora ao seu meio de expressão ou a um segmento deste meio. Com *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, Gláuber Rocha propiciou ao cinema jovem do Brasil uma ruptura tão fecunda, e, sobretudo, tão imantadora sobre uma ampla faixa de cineastas em formação, que suas responsabilidades ultrapassavam a de mero aríete de *contestações* e de profissional empenhado em sua carreira. Espantosamente, nos filmes seguintes, ele seria dominado por um estranho espírito de negação — até de si próprio, da experiência positiva cristalizada em filme — procurando uma completa mutação, em busca de resultados onde em vão procuraríamos os traços da evolução que se processou do obscuro rascunho de *Barravento* (1961) até *Deus e o Diabo na Terra do Sol*. *O Dragão da Maldade*, longe de ser a “reflexão sobre estas virtudes e defeitos” (dos filmes anteriores) prometida pelo cineasta, sugere um estado de apatia. Na construção estática, de planos intermináveis — nunca o plano-sequência dinâmico, moderno — na monotonia incrível de um filme que parece à procura de um final desde que se encerra sua primeira meia hora, não conseguimos encontrar mais do que retalhos mal lançados da temática de *Deus e o Diabo*, um Antônio das Mortes destituído de sua grandeza trágica épica e os gratuitos estertores que pretendiam avalizar a intensidade da tragédia barroca ambicionada por *Terra em Transe*.

GR-DR. 02/034

de 2/34